

Tapa com luva de película

Josimey Costa da Silva

Um filme antigo só é motivo de comentário em veículos informativos se está de novo em cartaz, certo? Mas por quê temos que fazer somente o que é certo? Quero fazer a coisa errada. O erro é uma etapa do aprendizado, e quem diz isso não sou eu, é Piaget. Então, comentarei um filme fora de cartaz e que é muito pouco comentado para o tanto que ele representa, talvez porque ilustre feito um tapa na cara o que todos nós temos de errado.

O filme "Feios, sujos e malvados" (*Brutti, Sporchi e cattivi* - Dir. Ettore Scola. Roma/Itália: Compagnia Cinematografica Champion, 1976) tem muito poucas informações estão disponibilizadas na Internet a seu respeito. O diretor, Ettore Scola, merece muitos *sites*, abundantes informações. Outros filmes seus, como "Concorrência Desleal" ou "O Jantar", mais recentes, aparecem muitas vezes em ocorrências nos programas de busca na rede. "Feios, Sujos e Malvados", porém, quase só é citado em propaganda de locadoras e em listagens da filmografia do seu diretor. Seria, talvez, um dado do incômodo que esse filme, premiado em Cannes (Melhor Direção, 1976) causa até hoje? Seu humor negro, sua visão desglamorizada da pobreza o tornam talvez um pária dentro de uma filmografia que prima pelo lirismo?

Feios, sujos e malvados não são só os personagens amorais do filme. A estética releva a sujeira: a luz é soturna, os cenários são feios, sombrios, malvados, nos fazem muitas vezes sofrer para enxergar. Os sons - falas em tom alto e agressivo, gritos, gotas d'água pingando, gritos - são algo desagradáveis. Mesmo a música insiste em acordes repetitivos em algumas passagens. Quase é possível sentir o cheiro da sujeira, mergulhar o pé na lama que está na tela e engole sapatos bêbados.

Os personagens, ao contrário do que acontece com o espectador, expressam um embotamento dos sentidos que parece ser a garantia de sua permanência em cena: eles nunca franzem o nariz perante nenhum odor, eles não rejeitam comida alguma, mesmo quando o gosto é ruim, eles se pisoteiam como sáurios, diria Cyrulnik. Quase inconscientes das presenças uns dos outros, essa a consciência só vem à força, como resultado da violência, como necessidade de eliminação do incômodo que o outro provoca. Tal consciência também aparece, de forma igualmente breve, quando o outro desperta o desejo, satisfeito com a urgência da devoração.

O filme tem uma estrutura narrativa que sublinha o caráter cíclico das relações de reprodução, de dominação, de miséria e de paixões rasteiras. Ao mesmo tempo, como numa espiral, esses ciclos são cada vez maiores, expansivos, e as desgraças vão se acumulando e se ampliando, a vilania dos personagens vai crescendo e se revelando aos nossos olhos como resultante da situação de sub-humanidade e como condição necessária à manutenção da sordidez do grupo e da amoralidade de cada indivíduo.

Alguns críticos de cinema vêm, em Ettore Scola, a oportunidade para se apreciar o *específico filmico* porque o diretor assume a sua paixão pelos clássicos que ajudaram na sua formação, principalmente o neo-realismo italiano. Com isso, Scola trabalha dedicadamente sobre cada plano, cada movimento de câmera, criando significados para muito além do que é mostrado. É assim que o diretor consegue efeitos cômicos especialíssimos, de um refinamento enorme mesmo partindo da forte brutalidade do real.

"Feios, Sujos e Malvados" é uma crítica social perturbadora, um retrato da desgraça humana pela pobreza, onde o egoísmo é a única maneira salvar o pouco que ainda resta. Tudo isso surge do desvelamento do que há de absurdo no feio, no exagero, no inacreditável e, ainda assim, muito nosso, mesmo sendo extremamente difícil nos reconhecermos ali. Mais fácil projetarmos na família da tela, ou na sociedade à nossa volta, como se fôssemos ilhas de virtudes em meio à podridão.

O trabalho de mestre com a decupagem, a direção precisa do elenco numeroso num cenário mínimo e entulhado de objetos abjetos revela um olhar abrangente e compreensivo tudo o que é humano. Para contar suas histórias com a força com que o faz, ele constrói muito bem seus personagens cinematográficos, sempre motivados e dotados de uma veracidade e uma ambigüidade que os fazem muito humanos. São personagens não questionados pelo diretor, que os aceita como são para que a reflexão surja em nós, espectadores.

O efeito do filme repercute na nossa vida como o seu enredo em espiral crescente. O título serve agora para nomear inúmeros artigos, qualificar pessoas e situações dos mais variados feitios e temporalidades. Na verdade, já é mais do que título: é epíteto, epígrafe, símbolo. Por representar um filme que não se esgota na tela, a expressão "feios, sujos e malvados" é agora uma condensação de descrições, qualificações e reflexões, como um poema que diz muito quando, fisicamente, é tão pouco...